

Quero me deter na palavra "leitura" do título *Freud: um ciclo de leituras*. Na apresentação de Sílvia Leonor Alonso, dou de cara com a idéia que "leituras históricas, críticas, sintomais, genealógicas, de intertextos, todas elas fazem parte de nosso trabalho de transmissão e todas estão presentes nos textos que este livro inclui" (p. 10). Acontece, Sílvia, que tenho um complexo de inferioridade com a palavra "leitura", que já aparece num livro meu chamado *A Lição de Ondina*, onde digo:

"Althusser circunvalava o mundo com uma prática teórica que era coisa de pasmo; a gente, que foi a uma universidade do Terceiro Mundo, fica boquiaberto. Althusser é um intelectual tirânico que te diz que ninguém sabe ler, exceto Marx, e talvez Spinoza, que fez certos progressos com "Minha mãe me ama" e outros textos simples. Então a gente, que lê pra caralho, fica preso de uma câibra generalizada ao informar-se que é preciso uma dupla leitura do *Capital*: a primeira consiste em ler os quatro tomos, palavra por palavra, linha por linha, em vários idiomas, além de ler, lógico, em alemão, passando, como disse o desgraçado, pelas áridas mesetas da distribuição simples, para remontar o majestoso lguachu da mais-valia. E uma vez que você preparou o terreno com essa leitura laboriosa, *mas ingênua*, você tem que começar de novo com as *Obras Completas*, fisingando entre linhas, escutando os inaudíveis sussurros e murmúrios, na procura daquilo que sem dizer diz, e você, querida Sílvia, vira verde e compra o último *Playboy*."

## Navegando Freud

*Resenha de Freud: Um Ciclo de Leituras, São Paulo, Escuta/Fapesp, 1997, 280 p.*

Mas, é bom dizer, ler bem é importante; vocês desenvolvem uma leitura rica e ponderada dos textos freudianos. Partem da premissa que "Freud encontra, na prática analítica, seu principal interlocutor" (p. 8). Este livro tem cheiro de divã. Ele cumpre amplamente a promessa de "explorar a densidade metapsicológica de um conceito, a riqueza de propostas clínicas e as difíceis discriminações psicopatológicas" (p. 9). Missão cumprida.

Vou fazer uma leitura egoísta dos capítulos que tenho na frente. Por egoísta entendo, pontualmente, aproveitar aquelas idéias e informações que posso usar como farinha para o moinho da segunda edição de minha biografia de Freud. Uma leitura egoísta é feita de *flashes*; é impressionista e, repito, egoísta.

Por exemplo, interessei-me pela concepção dos sonhos em Artemidoro, onde está o sonho de todos os dias, o sonho como expressão pura de desejo infantil (*enupnia*) e o sonho "que age sobre a alma" (*óneiros*), que fala sobre "os acontecimentos do mundo" (p. 15), o sonho antecipatório; Maeder, discípulo importante de Freud, toma o mesmo caminho. Para mim, o sonho profético ocupa um papel importante em psicanálise, se pensamos que o sonho de Irma antecipa o câncer na face de Freud (cf. Shavelson).

Renata Udler Cromberg dá ao capítulo VII o lugar que ele merece: aquilo "que não está lá para ser descrito (e que) precisa ser constituído ... apelando à arte da indução progressiva pelo jogo das introduções sucessivas" (p. 19). Aqui a autora, falando do aparelho psíquico idealizado a partir do "aparelho para sonhar", nos lembra a importância da "virtualidade" no modelo freudiano. Para Freud, o recalque é o modelo do virtual. Renata, admiradora de Laplanche, diz que "o sonho é o paradigma da situação analítica" (p. 22), o que lembra Sérgio Rodríguez tratando a transferência como restos diurnos desse Grande Sonho que é o desenvolver de uma análise.

Falando da *Traumdeutung*, há um ponto em que discordo tanto de Sílvia como de Janete Frochtengarten. Ambas elogiam o Capítulo I, falando de um "extenso levantamento bibliográfico" (p. 37). Não é bem assim. Sabe-se que foi escrito a contragosto, e nem se compara com

as 37 páginas da bibliografia sobre hemíplegias. Os surrealistas franceses criticaram Freud pela forma folclórica com que Maury é apresentado. Foi, acho eu, um levantamento tendencioso, procurando demonstrar que nada de consistente tinha sido produzido em teoria onírica. Por outro lado, cabe assinalar, pouco tinha sido produzido em teoria onírica.

Em seguida, Janete nos introduz exemplarmente na "leitura Palomar", que pode ser considerada como o ponto de equilíbrio entre necessidade e contingência. Vale a pena seguir os avatares do senhor Palomar, que, com efeito, lembram os avatares da *Traumdeutung*, já que Freud tinha o "ímpeto a ligar, a tecer, e a ligar novamente" (p. 38). Janete nos lembra: Freud fala de uma "fábrica de pensamentos". Estimulante leitura em zig-zag que nos leva a lugares pouco visitados do Livro dos Sonhos.

O segundo capítulo nos faz transitar pelo fantástico mundo da sexualidade e do erotismo das diferenças. Em casa de ferreiro, espeto de pau. Os analistas reclamam o sexual, e Ana Maria Sigal nos confronta com este fato. Ela é ousada ao escolher um breve texto de 1923 - "A organização genital infantil" - como pivô, como divisor de águas. Na realidade existem três tempos na odisséia sexual de Freud: primeiro, temos as teorizações feitas em torno da teoria da sedução, da qual o polimorfismo sexual infantil é um resto (o menino polimorfo é "Inocente"). Em seguida temos os *Três Ensaios* e suas vicissitudes, onde o Complexo de Édipo passa a ser o núcleo das neuroses. Finalmente, após 1923, como Ana Maria bem coloca, o Complexo de Édipo e sua sombra, a castração, "redimensionam a história em função das novas articulações" e se inaugura um "espaço para o conceito de re-significação" (p. 56). Seria o Édipo-estrutura. Como a autora o assinala, a partir deste momento a sexualidade feminina perfila sua autonomia.

As datas são 1897, 1905 e 1923. Em 21 de setembro de 1897, há exatos cem anos, Freud escreve sua famosa carta na qual diz que não acredita mais em sua neurotica. Em 1923, 26 anos mais tarde, a sexualidade encontra a pulsão de morte e o Professor se confronta com o câncer.

Voltando ao sexual, Ana Maria nos lembra que a genitalidade tem dois tempos: a infantil e a adulta, junto com a diferença entre genital-anatômico e sexualidade masculina, o que a leva a falar de quatro registros do genital: órgão, função, fantasma e gênero (p. 58). Vale a pena navegar.

Finalmente, a autora levanta uma questão interessante: por que Freud chamou este trabalho de "organização genital infantil" e não "organização fálica da sexualidade"? Farinha para meu moinho.

A navegação sobre o sexo e suas vicissitudes continua com a contribuição de Maria Aparecida Kfoury Aidar, "Comentários sobre as conseqüências psíquicas da diferença anatômica." Antes de abordar este tema, Maria Aparecida faz uma escala técnica em "A dissolução do complexo de Édipo", onde as "portas" do complexo edípico são trabalhadas, ou seja, como se entra e como se sai da mazela fundante. Aqui entramos no enigmático da sexualidade feminina e, como adiciona Maria Aparecida, no enigmático da sexualidade humana, construída sobre a disposição bissexual. Já que estamos navegando, quando se trata do sexual em psicanálise temos que nos defrontar com o Sila da biologia e o Caribdis do cultural. Essa travessia está cheia de riscos neste final de milênio. Maria Aparecida comenta: "Estamos aqui, após 70 anos (do trabalho sobre a diferença anatômica), refletindo sobre o assunto. O que são homem e mulher, masculino e feminino? O fim do milênio oferece alguma idéia nova? O tema de Freud é completamente atual" (p.73). Maria Aparecida anda desbravando a trilha.

No debate (p. 80), achamos uma interessante discussão sobre a sexualidade, onde a pergunta seria: como evoluiu o conceito de bissexualidade através do tempo? Existe realmente uma diferença entre homem e mulher? Hoje em dia se questiona a existência das coisas: a antipsiquiatria nos diz que o louco não existe; para Lacan a mulher não existe, nem o ato sexual; para Duby a história não existe; para um discípulo de Thomas Szász, cujo nome não me lembro, a morte não existe. Será que a existência existe?

Será que a sublimação existe? Não cabe dúvida que sim, respondem Lúcia Barbero Fuks e Silvia Leonor Alonso, apesar do artigo metapsicológico perdido. Talvez "Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci" seja, em *retro-coup*, o artigo perdido, porque disso se trata. Lúcia começa na chave certa quando diz que "o anseio por saber havia se transformado, no caso de Leonardo, na pulsão dominante". Ela nos alerta que uma patobiografia não é análise aplicada, e sim uma investigação clínica. Em seguida, o leitor tem que navegar pelo tópico "Ver e Saber" (p. 101), onde se fala da "pulsão do olhar" como uma pulsão "elementar", central na temática de Leonardo. O ver e o saber se alternam no pintor duma maneira complexa já que, para Leonardo, a própria visão nasce da matemática. Aqui cabe a questão de se a sublimação plástica (visual) é maior ou menor que a científica. Eu prefiro o pintor ao cientista.

Silvia nos fala "dessa história de abutres" (que não são) que nos leva ao antigo Egito, e que termina na boca do menino Leonardo. Freud estava convicto que esse abutre da "lembrança encobridora" era a chave para compreender a evolução emocional e artística do pintor. Na busca, Silvia nos conta, ele apanhou uma quantidade de informação com esse pássaro intruso. Por outra parte, neste texto o narcisismo nasce em berço de ouro.

Silvia lembra a carta de Freud a Jung, onde ele diz que o estímulo para escrever sobre Leonardo partiu de um paciente que atendeu no outono de 1909. Esse paciente tinha uma organização psíquica semelhante à de Leonardo, porém sem seu gênio. Um palpite: esse paciente bem poderia ser o Homem dos Ratos. Teríamos então o *Menino dos Abutres* e o *Homem dos Ratos*. Nosso próximo porto.

Podemos considerar Ernest Lanzer, o Homem dos Ratos, como o primeiro grande paciente masculino de Freud. Cleide Monteiro, falando da transferência no caso, faz um fecundo rastreamento que começa em 1890 - com "Tratamento psíquico ou mental" - passando por *Estudos sobre a histeria e Dora*, para terminar nas "Perspectivas futuras da terapêutica analítica." Tanto ela como Rubia Maria Delorenzo tomam em consideração o texto e o paratexto (*Notas Originais*), e me pergunto se concordariam comigo que o texto final - ou principal - é mais junguiano. Vale a pena navegar com Rubia sobre o tema da

agressividade em Lanzer, e concordo com ela que este texto "nos indica as vias de constituição da segunda tópica", ou seja, passa por *Luto e Melancolia*. Mas, falando do nome dos animais, é significativo que o Homem dos Ratos tenha morrido numa trincheira rodeada de ratos.

Isabel Mainetti de Vilutis, em "Culpa e Identificação na Clínica da Melancolia", nos mostra uma vez mais a metodologia de Freud de escolher um processo normal - o luto - para introduzir um processo patológico - a melancolia. Ambos, como Van Gogh bem o sabe, implicam uma mudança: os pássaros mudam penas; as serpentes, peles. Os ofídios são melancólicos. A melancolia é coincido com Isabel e com Kristeva - a doença do final do século. Para Isabel, o fio da meada passa pela natureza do objeto melancólico, e aconselho a navegação a partir da página 183, onde encontramos a identificação narcísica, o escurecimento do ego, para terminar na seguinte fórmula, admiravelmente sintética: "o ego posiciona-se como objeto do ódio pulsional do superego na identificação narcísica própria da melancolia" (p. 186).

Com Ana Maria Amaral, algo estranho aconteceu. Não acho seu artigo; talvez o tenha perdido sua "Melancolia - uma leitura" numa barraca de Itapuã, ou, como sua paciente, meu delírio tenha sido a Iemanjá. Talvez não me tenha sido enviado. Mas é possível recuperar o rastro do perfume no debate (p. 190). Fiquei curioso com a terceira linhaagem. Concordo com a importância do aporte lacaniano - a falha é do ideal do eu - mas é justo pensar que Hermann Nunberg foi um precursor nesse ponto. Também concordo com ela que "melancolia são muitas, são estados, momentos ..." Pichon Rivière seguia essa trilha quando considerava a melancolia como uma múltipla doença única.

Talvez Mário Fuks tenha errado de profissão. Ele teria que seguir os passos de Edgar Allan Poe; melhor ainda, ele teria que ter duas profissões: analista e contador de relatos de suspense. Seu capítulo "pega" porque trata do suspense com suspense. Junto com o "Homem de Areia", com os "olhos da morte", temos a inalienável presença dos lobos silenciosos e imóveis de Sergei. Talvez todo analista que se preze de ser analista tenha que ter familiaridade com o *Unheimlich*; o que nos leva ao tema da morte. Concordo com Fuks que, se fôssemos imortais, abriríamos mão de nosso narcisismo. E aqui faço uma pergunta que se depreende da leitura deste capítulo: por que será que Lacan não se apoiou nos vários textos de Rank para tecer a fase do espelho?

"Rasgando a fantasia para outras tantas mil e uma noites" nos conta nossa Sherazade paulista, outra que quase erra de profissão. Miriam Chnaiderman pensa o *Unheimlich* numa posição estratégica, similar à "Organização genital infantil" de Ana Maria Sigal, textos nas encruzilhadas, entre amor e morte, tendo "como horizonte o sentimento estético" (p. 218). Concordo com Miriam que Freud "rompe com a metafísica ocidental e a lógica cartesiana" (p. 220) ao dizer que "o prazer estético é sempre uma vivência do *Unheimlich*, trazendo à tona fantasmas infantis recalcados. O que implica fascínio e repulsa" (p. 220). Essa mistura alquímica também está presente na forma pela qual Kant trabalha o sublime. Freud relaciona o *déjà-vu* com o "estranhamente familiar." Aqui entramos no domínio dos tempos: temos o *après-coup*, junto com a noção bergsoniana de *durée*, o tempo vivido. Concordo com Miriam que Bergson precisa ser lido novamente, talvez a partir de Deleuze. Outro tanto cabe dizer do período fliessiano, que desempenha um papel tão importante no Projeto de Freud. Miriam rasga os véus do tempo.

Kant novamente norteia o trabalho de Alcimar Alves de Souza Filho, "Além do princípio do prazer". Este trabalho é, como dizem os adolescentes argentinos, uma festa. Tem erudição, pertinência, complexidade e simplicidade; muito bom para uma leitura egoísta como a minha. Concordo com que a coisa começa com a dimensão do real em Kant. No contexto kantiano, "o Real é impossível de ser apreendido." Acredite se quiser, mas Kant era lacaniano. Em minha leitura egoísta navego em torno da noção de acontecimento, descubro que "o acontecimento é uma irrupção da ordem do acaso" (p. 252). Além disso, com Alcimar compreendi pela priméi-

ra vez a extensão da palavra "fractal" como um *pas-de-deux* pluridimensional. Gostaria de pensar mais sobre a noção de caos em Deleuze. Obrigado, amigo.

E assim chegamos ao final de nossa navegação, usando a metáfora fluvial de Luis Carlos Menezes. Seu trabalho "Além do princípio do prazer: a técnica em questão" fecha o livro com um banquete para leitores de todo tipo. Gostaria de aprofundar a "pulsão anarquista" de Nathalie Zaltzman, e saber mais dos casos-limite, os esquimós incluídos, onde o analista "pode funcionar como objeto material bruto, fora de qualquer ligação afetiva, fora de qualquer significância" (p. 264). Pontalis é lembrado: "a única mudança reconhecida como válida seria uma mudança operada sobre a realidade" (p. 271). E Piera Aulagnier, que fala do "ódio de ter que desejar" e, eu acrescentaria, da *rage de vivre*.

Mas estou com um problema: esta resenha está ficando longa demais, vou ter que concluir. Parafraseando a TV Globo: vale a pena ler este livro de novo.

**Emílio Rodrigué** é psicanalista argentino e escritor baiano.